

ESTRANGEIRISMO AMEAÇA OU ACRÉSCIMO À IDENTIDADE LINGUÍSTICA?

Helena Grinberg da Silva Barcelos (UNIGRANRIO)
prof.helenagringer@gmail.com

1. Introdução

Ao longo da história, as organizações sociais estiveram sujeitas a mudanças por diversas razões. Com a sociedade pós-moderna, não seria diferente. Estamos sujeitos a mudanças, porém hoje estas mudanças encontram-se aceleradas e com um alcance maior, se não mundial, ocidental.

Um dos principais aceleradores das mudanças nesta sociedade é o acesso à tecnologia e sua rápida expansão e evolução. Estas mudanças afetam o sujeito destas sociedades nos níveis mais profundos, como, por exemplo, a nível individual, no seu sentido de identidade;²³ a nível social, na linguagem.

Este artigo trará uma discussão sobre estas mudanças nos níveis individual e coletivo, sobre como a identidade do cidadão pós-moderno se encontra, e sobre como – positiva ou negativamente – a população percebe as mudanças na linguagem (nesta pesquisa, especificamente, através do uso de estrangeirismos). Esta discussão se dará à luz das posições de Rajagopalan, Celani, Bagno, Hall, entre outros.

2. Identidade e identidade linguística

Identidade é um termo comum por ser usado com frequência; ao mesmo tempo é complexo, pois dá conta de várias facetas identitárias de um sujeito, dentre as quais se encontra a identidade linguística. Antes de nos debruçarmos sobre o que seria identidade linguística, se faz necessário entender um pouco mais sobre o que é identidade.

Nada mais necessário e convencional do que usar o auxílio do *Dicionário Aurélio* (2000) que, sobre o termo identidade, reza: “Identidade sf. 1. Qualidade de idêntico. 2. Os caracteres próprios e exclusivos duma pessoa: nome, idade, estado, profissão, sexo, etc.”. No mesmo dicionário,

²³ Neste artigo, ao tratar de identidade, estaremos focando especificamente a identidade linguística.

a definição de identificação é “ato ou efeito de identificar-se; reconhecimento de uma coisa ou dum indivíduo com os próprios (FERREIRA, 2000, p. 371)”. O conceito de identificar coloca-se como “Perceber afinidades, ou compartilhar sentimentos ou ideias com alguém”.

Este conceito de identidade fixa expresso pelo dicionário como “caracteres exclusivos de uma pessoa, reconhecimento de uma coisa como própria, perceber afinidades e compartilhar sentimentos” está, segundo Hall (2006), em processo de mudança. O autor advoga que:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não só de uma, mas de várias identidades. (...) As identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (...) O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2006, p. 12 e 13)

A identidade do sujeito pós-moderno poderia ser definida, então, por uma multiplicidade de possíveis identidades dentro desta sociedade de mudanças estruturais e institucionais, definida por Hall (2006) como sociedade de mudança constante, rápida e permanente, e fomentadas pela interconexão de áreas diferentes, possibilitada e acelerada pela globalização.

No olho deste furacão encontra-se a linguagem, já que esta é considerada o principal sistema simbólico de todos os grupos, uma vez que caracteriza e marca o homem em seu contexto. Cumpre, assim, um papel essencial como constituidora da consciência humana e organizadora do pensamento. É por meio da linguagem que os homens interatuam nesta sociedade interconectada. (MARCON, 2005) Como a identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela, não se concebe que um indivíduo tenha uma identidade fixa anterior e fora da língua (RAJAGOPALAN, 1998, p. 41). Neste viés, percebemos o que seria identidade linguística. Rajagopalan (2003, p. 59) nos coloca que nunca na história da humanidade a identidade linguística das pessoas esteve tão sujeita como nos dias de hoje às influências estrangeiras. Volatilidade e instabilidade tornaram-se as marcas registradas das identidades do mundo pós-moderno.

Percebe-se, portanto, que assim como a identidade do sujeito pós-moderno, sua identidade linguística também se encontra plural, fragmentada pela imediatez e pela intensidade das confrontações culturais globais. Rajagopalan (2003, p. 62) esclarece que o traço mais visível da identidade linguística nesses tempos pós-modernos é a mestiçagem, da qual nenhuma língua escapa hoje em dia, e coloca-se em consonância com Hall (2006, p. 87) quando este diz que

A globalização tem *sim*, o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e “fechadas”. (...) Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas.

Vimos que a identidade linguística, assim como o próprio conceito de identidade, encontra-se fragmentada e plural no sujeito pós-moderno. Uma das consequências desta mestiçagem linguística trazida pela globalização é uma influência cada vez maior e mais evidente entre diferentes línguas e o surgimento de um número cada vez maior de sujeitos multilíngues. Sobre isso, Rajagopalan em entrevista, esclarece que

Muita gente estranha a expressão portunhol. Portunhol, que é isto? Ou se fala português ou espanhol? Portunhol não é um “bicho” que você está imaginando. O mundo inteiro está presenciando fenômenos parecidos com o *Spanglish*, nos Estados Unidos, que mistura espanhol e inglês. Há o *Franglês* no Canadá, por exemplo. *Hindínglish* na Índia, misturando o Inglês com o hindi. Isso é natural, assim como é natural na própria raça humana a mestiçagem. Sempre existiu e sempre existirá. O Brasil é a prova mais impressionante dessa experiência com a raça humana. É uma mistura, um caldeirão que a gente criou. Isto inevitavelmente vai acontecer com a língua também. (SILVA et al. 2011)

Este intercâmbio linguístico traz o acesso a termos estrangeiros e a incorporação destes vocábulos no dia-a-dia de todos, mesmo no dos que não dominam a língua de origem deste vocábulo. Veremos este fenômeno na próxima seção.

3. *O que é estrangeirismo?*

A população brasileira tem conhecimento de que a língua oficial do nosso país e, portanto, a nossa língua materna, é a língua portuguesa. Contudo, poucos fazem reflexão sobre como a nossa língua se tornou o que é hoje, do quanto as palavras utilizadas no dia-a-dia da população sofreram influências exteriores para se tornarem como são hoje. Nenhuma língua tem fim em si mesmo e está livre de influências de outras línguas.

Não há como isolar uma língua de outras, como em uma ilha ou em uma embalagem lacrada.

A maneira mais comum de uma língua influenciar em outra é pelo do léxico, através de fenômenos como o estrangeirismo e o empréstimo. Estrangeirismo acontece quando se emprega palavras originadas em outra língua, especialmente quando estas não possuem um termo equivalente na língua de emprego; estas palavras não sofrem alteração em sua ortografia, ainda que seu uso seja antigo, como por exemplo, jeans, *milk shake* e internet. Esta é a principal diferença entre estrangeirismo e empréstimo, já que este fenômeno descreve palavras que vieram de outras línguas, mas que sofreram algum tipo de adaptação em sua ortografia, pronúncia ou acentuação, para se adequar à língua de emprego. São exemplos de empréstimos as palavras futebol (*football*), bife (beef), hambúrguer (*hamburger*) e estresse (*stress*). É importante ressaltar que, quando começaram a ser incorporados no léxico de outra língua, os empréstimos eram estrangeirismos e, portanto, neste trabalho o termo empréstimo será usado para abranger ambos os casos.

O emprego de léxico de outras línguas faz parte da formação da nossa língua desde os tempos da colonização. Nesta altura, a própria língua portuguesa era a língua estrangeira do território brasileiro. O caráter multilíngue também é um traço de nossa nação desde os tempos em que nossas terras eram habitadas exclusivamente por índios, já que cada tribo indígena possuía sua língua e, portanto, centenas de línguas formavam a língua falada em nosso território. Durante a história, a língua portuguesa do Brasil sofreu fortes influências de vários povos como os holandeses, italianos, árabes, japoneses, espanhóis, franceses, africanos etc.

Especialmente no momento em que estamos, no qual a sociedade encontra-se interconectada pela globalização, o processo de interferência lexical através de empréstimos sofre uma acentuação notável nesta sociedade na qual as distâncias parecem estar encurtadas e os fluxos e laços entre as nações parecem estar acelerados. (HALL, 2006)

Destaca-se no panorama linguístico mundial a língua inglesa, sendo usada atualmente como língua internacional ou língua franca. Hoje, o inglês é a língua do mundo científico, dos negócios e da tecnologia principalmente devido à posição de destaque que os Estados Unidos ocupam no panorama econômico atual. Consequentemente, o aprendizado de língua inglesa deixa de ser opcional e passa a ser essencial. De acordo com Moita Lopes (1999, p. 432), é “inegável a importância de se aprender in-

glês em um mundo em que as fronteiras nacionais são perpassadas pelo uso do inglês devido ao poder da economia norte-americana no chamado mundo globalizado”.

Ao longo da história, outras línguas como o latim e o francês, assumiram este papel de língua franca/internacional. De acordo com Bagno (2001, p. 79) “cada período histórico teve (e tem) sua língua franca, isto é, uma língua internacional que serviu (serve) como instrumento auxiliar de comunicação entre pessoas de lugares e culturas (e línguas) diferentes.”

É possível prever que a língua portuguesa continuará cedendo ao fenômeno do estrangeirismo e que este fenômeno será cada vez mais necessário e mais ligado à nossa realidade, à medida que novos fatos, especialmente no campo tecnológico, surjam e sejam importados pela sociedade brasileira. E como todo assunto gera opiniões controversas, a presença de estrangeirismos na língua portuguesa não seria diferente. A crescente presença de estrangeirismos, especialmente os oriundos da língua inglesa, apresenta um risco à soberania da língua portuguesa no Brasil? Ponderaremos as duas respostas possíveis (sim e não) a esta pergunta nas próximas seções.

3.1. Estrangeirismo como ameaça

Já foi definido neste trabalho o que é estrangeirismo e o porquê este fenômeno acontece. Também já foi esclarecido porque hoje a língua inglesa é língua que mais influencia o léxico da língua portuguesa na atualidade. Esta influência assume um sério tom ameaçador para alguns e, por isso, deve ser combatida. A redução do uso de estrangeirismos, neste ponto de vista, seria um marco para o crescimento da autoestima nacional no tocante à língua pátria, e assim à cultura nacional. Há um grupo que responderia a pergunta “A crescente presença de estrangeirismos, especialmente os oriundos da língua inglesa, apresenta um risco à soberania da língua portuguesa no Brasil?” com um sonoro SIM.

Ao se pesquisar sobre o combate aos estrangeirismos logo surge como resultado o nome do deputado Aldo Rabelo, conhecido por ter criado um projeto de lei (projeto de lei nº 1676-d, de 1999) que foi apresentado aos seus pares no congresso, intitulado “Culta, Bela e Ultrajada: um projeto em defesa da língua portuguesa”. Este projeto foi aprovado em

março de 2001 na câmara dos deputados, e, após a aprovação na câmara, o projeto seguiu para o senado.

Em seus sete artigos, o projeto de lei tem como objetivos: reconhecer a língua portuguesa, a partir de provisão constitucional, como bem do patrimônio cultural brasileiro que concorre para a nossa soberania como nação (art. 1º); estabelecer o rol das incumbências do Poder Público no intuito de promover, difundir e valorizar a língua portuguesa (art. 2º); definir as situações de obrigatoriedade no uso da língua portuguesa, bem como as condições e as limitações de uso de estrangeirismos (arts. 3º, 4º e 5º); conceder autorização para o estabelecimento de sanções administrativas pela via da regulamentação (art. 6º); indicar cláusula de vigência a partir da data de publicação (art. 7º).

Este projeto de lei classifica o uso de estrangeirismos como prática abusiva, quando há palavra equivalente em língua portuguesa ao estrangeirismo usado; prática enganosa pela possibilidade da palavra estrangeira induzir ao erro e ilusão; e prática danosa, pois o uso de estrangeirismos poderia, segundo ele, patrimônio descaracterizar qualquer elemento da cultura brasileira e causar dano ao patrimônio cultural brasileiro.

Na altura da apresentação do projeto, o deputado e relator deste projeto de lei Átila Lira se posicionou a favor de sua aprovação, justificando sua posição dizendo que o projeto seria importante para que

nossa língua continue viva, em evolução, como é de desejar em resposta às mudanças sociais e culturais do nosso tempo, mas enseja também que se tenha no país uma relação mais inteligente, sobretudo crítica, em relação aos estrangeirismos.

Segundo Aldo Rebelo (2001), seu projeto de lei contribuiu, mesmo antes de sua aprovação, significativamente para a valorização da língua portuguesa: “A primeira contribuição, e talvez a mais importante, foi ter trazido à tona o debate acerca dos estrangeirismos. Fiquei surpreendido com a quantidade e variedade de pessoas que se manifestaram sobre o projeto. Agora, se ele for aprovado, a contribuição será em torno da própria valorização da nossa língua. Se conseguirmos frear a invasão dos estrangeirismos e renovar a consciência da importância da língua para a nossa unidade nacional, certamente vamos prestar um grande serviço à soberania brasileira”.

3.2. Estrangeirismo como acréscimo

Existe um grupo que responderia à pergunta “A crescente presença de estrangeirismos, especialmente os oriundos da língua inglesa, apresenta um risco à soberania da língua portuguesa no Brasil?” com um sonoro NÃO. Para este grupo, formado principalmente por especialistas – estudiosos das áreas de linguística, linguística aplicada e sociolinguística – mudanças em qualquer língua são parte de um processo natural e comum a todas as línguas. A absorção de estrangeirismos seria apenas um dos meios para estas mudanças. Em consonância com este pensamento está Marcon (2005, p. 42), quando afirma que “A língua não é um objeto estagnado. Ela acompanha a história do homem que a fala, estando sempre sujeita a influências, e os empréstimos linguísticos fazem parte desse processo”.

Linguistas adicionam que a inclusão de léxico estrangeiro não traz perigo para a soberania da língua portuguesa em nosso território, pois “os estrangeirismos não alteram as estruturas da língua em sua gramática, por isso não são capazes de destruí-la”, explica Marcon (2005, p.31), que acrescenta que além de inofensivo à estrutura de nossa língua materna, os estrangeirismos são inevitáveis:

O léxico de uma língua é o agrupamento de formas que tiveram origem em fontes diversas. Não se pode evitar o empréstimo linguístico, um dos meios de renovação lexical. O léxico é resultado da história de um povo, de seus contatos, da divisão internacional de trabalho num dado momento, da correlação de forças entre os diferentes países numa dada época. É natural que as línguas que têm hegemonia política, num determinado momento, forneçam uma quantidade maior de empréstimos que as outras. (MARCON, 2005, p. 46)

Portanto, para os linguistas, de nada adianta tentar legislar sobre os possíveis descaminhos que nossa língua supostamente está tomando. Rajagopalan (2003, p. 100) advoga que:

Faz parte da cartilha da nossa disciplina a ideia de que as línguas obedecem às suas próprias leis. Elas evoluem, se renovam, se ajustam a novas exigências de comunicação e de contato com outros povos. Em relação às línguas, portanto, o melhor a fazer deveria ser deixá-las em paz. Mexer com o destino das línguas revelar-se-ia tão perigoso quanto trabalhar com engenharia genética – brincar de Deus, o Todo-Poderoso, uma vez que nunca se sabe como tudo vai terminar.

Linguistas alertam também que ser faz necessário despertar o olhar para a dimensão política da linguagem. Deslocar a atenção do povo leigo (leia-se o não linguista) para os estrangeirismos poderia ser uma estratégia que encobertaria problemas muito maiores e que, estes sim, seri-

am merecedores de um debate a nível nacional. Afirmar que o uso de estrangeirismos vindos do inglês caracterizaria prática enganosa é um exemplo deste deslocamento de atenção. O cidadão imagina: se está escrito em língua portuguesa, eu posso confiar. Ora, o cidadão pode ser enganado em qualquer língua estrangeira e, infelizmente mais frequentemente, em sua própria língua. Marcon (2005, p. 29) exemplifica:

A palavra *sale* numa vitrine de loja pode evitar que o cidadão reconheça uma liquidação, mas tanto pior é, mesmo reconhecendo o sentido, não ter explicações para o porquê de tantos juros, o porquê da inflação. O cidadão pode ser enganado em inglês, em francês, em alemão, em italiano, em qualquer língua, até mesmo pela língua em que está escrita a constituição de seu próprio país.

Este repúdio ao estrangeiro poderia também reforçar a falta de investimentos na área de línguas estrangeiras na educação, especialmente na rede pública. Para que investir em algo que, se for usado, será punido? Celani (2004, p. 120) enfatiza esse assunto ao dizer que:

[...] esse impulso nacionalista pode levar a posições extremadas que chegam às raias do ridículo. E mais, essa ingenuidade pode significar atraso irreparável para a educação do país. Sim; a posição de chauvinismo linguístico que Rajagopalan discute tem necessariamente repercussões na política educacional, no que se refere ao ensino de línguas estrangeiras. Por que ensinar línguas que são vistas como ameaças à unidade nacional e que, além do mais, ninguém poderá usar livremente sem se expor a punições?

Legislar sobre a proibição do uso de estrangeirismos e consequente queda de investimento na área de língua inglesa soaria como um caminhar na contramão do mundo globalizado, pois o restante do mundo valoriza o conhecimento de até mais do que uma língua estrangeira como possibilidade de ampliação do universo cultural enquanto que no Brasil o uso da língua inglesa seria punido nas formas da lei. Marcon (2005, p. 44) reforça este pensamento ao dizer que

É estranho, para não dizer incabível, que, no Brasil, esse tipo de atitude, de se proibir o cidadão de se expressar usando termos que não fazem parte da língua materna seja apoiada por muitos enquanto que, nos países de primeiro mundo, espera-se que os cidadãos conheçam pelo menos duas línguas além da sua língua materna.

Estaríamos impossibilitando ao cidadão o acesso à apropriação de conhecimento de outras culturas em nome da valorização da nossa língua materna, da nossa autoestima, do nosso patriotismo, sem questionar o que estes termos realmente significam. Afinal, conhecer outra cultura não quer dizer desvalorizar a própria cultura. Celani (2004, p. 121) esclarece que aprender uma língua estrangeira é:

Enxergar além. Além de seu redor, sem menosprezá-lo; além de seus valores, sem perdê-los; além de seu país, sem abandonar sua cultura. É entender a diferença e a diversidade, por meio de uma experiência de imersão na sabedoria distintiva de uma outra cultura como espaço para crescimento. É engajar-se com a diferença.

Vale a pena trazer para esta discussão o olhar de Fenner (2006, p. 132) sobre patriotismo, cidadão cosmopolita e língua estrangeira:

É preciso definir o que se entende por patriota, cujo sentido não necessariamente se contrapõe a cosmopolita. Etimologicamente, a palavra cosmopolita significa “cidadão do mundo”, tendo, por exemplo, visitado diversos países, absorvido elementos de várias culturas e aprendido línguas, tradições, costumes etc., o que significa negar o provincianismo e o chauvinismo, mas não o patriotismo. Pode-se ser uma pessoa de ampla cultura que não só conhece muitos países, línguas e costumes, mas que também estima os valores, a história e a cultura da própria terra natal, e assim ser patriota no sentido etimológico da palavra. Quando interpretados desta forma, o cosmopolitismo e o patriotismo não são mutuamente excludentes, mas complementares.

É preciso refletir sobre que cidadão o Brasil deseja ter em seu território e sobre o que seria realmente importante para este cidadão brasileiro. De que legislação realmente precisamos? Por exemplo: O que é necessário: legislar sobre a presença de signos estrangeiros em produtos eletrônicos, sobre a obrigatoriedade de manuais escritos em língua portuguesa ou sobre a produção e fabricação de produtos nacionais baixando seus impostos para que pudessem ser comercializados dentro do próprio país, evitando a importação de produtos diversos por preços inferiores aos nacionais? O que valorizaria realmente a cultura brasileira e elevaria a autoestima do nosso povo? Legislar sobre a presença excessiva de estrangeirismos na linguagem científica e tecnológica, exigindo que termos apenas em língua portuguesa sejam utilizados, inclusive nas áreas nas quais o Brasil não realiza pesquisa, ou criar leis que estimulem o desenvolvimento de pesquisas científicas e tecnológicas totalmente *made in Brazil*?

Muito mais do que leis punitivas, a nação brasileira necessita de que as leis já existentes sejam cumpridas e que o nível de autoestima seja normal, por meio de educação, salário e saúde. Lutar por esses direitos, portanto, seria ser nacionalista no melhor dos sentidos que esta palavra pode assumir.

4. Considerações finais

Este artigo procurou trazer uma discussão sobre a presença de estrangeirismos no léxico da língua portuguesa, mostrando dois pontos de vista sobre o assunto e como, de acordo com estes pontos de vista, os estrangeirismos afetariam a identidade linguística do povo brasileiro. Por ser um assunto que fala de língua e, em especial da língua materna, todos – de leigos a especialistas da área – sentem-se aptos a opinar sobre a presença e a quantidade de estrangeirismos na língua portuguesa.

Não há dúvida quanto à importância de se valorizar a nossa língua materna, principalmente no viés de investir no processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa na educação básica. Porém esta pesquisa nos mostrou que o léxico é apenas uma das várias facetas de uma língua, e esta seria a única afetada pelos estrangeirismos; logo, a sintaxe da língua portuguesa, ou a fonética, por exemplo, não estariam afetadas pela presença de palavras vindas do Inglês.

Como conclusão, a presença de estrangeirismos não colocaria em risco a soberania da língua portuguesa no nosso território nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, M. *Português ou brasileiro?* São Paulo: Parábola, 2001.
- CELANI, M. A. A. Chauvinismo linguístico. In: SILVA, L. F.; RAJAGOPALAN, K. (Orgs.). *A linguística que nos faz falhar: investigação crítica*. São Paulo: Parábola, 2004.
- FENNER, A. L. Cultura e identidade: relatos de bilíngues. *Revista Línguas & Letras*, v. 7, n. 12, p. 127-138, 2006.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MARCON, M. A. S. M. *Estrangeirismos em malhação: ameaça linguística ou variação lexical no português teen?* 2005. 179 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – UNISUL, Universidade do Sul de Santa Catarina. Tubarão, 2005.

MOITA LOPES, L. P. Fotografias da linguística aplicada no campo das línguas estrangeiras no Brasil. *DELTA*, vol. 15, nº Especial, 1999.

RAJAGOPALAN, K. O Conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, I. (Org.). *Língua(gem)e identidade*. Campinas: Mercado de Letras, Fapesp e Faep/Unicamp, 1998.

RAJAGOPALAN, K. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola, 2003.

REBELO, Aldo. Culta e bela. *Folha de S. Paulo*, 29-09-1999.

REBELO, Aldo. A intriga das línguas. *Folha de S. Paulo*. 15-04-2001, *Caderno Mais!* p. 22-23

SILVA, K. A.; SANTOS, L. I. S.; JUSTINA, O. D. Entrevista com Kanavillil Rajagopalan: Ponderações sobre linguística aplicada, política linguística e ensino-aprendizagem. *Revista de Letras Norte@mentos – Revista de Estudos Linguísticos e Literários*. Edição 08 – Estudos Linguísticos 2011/02. Disponível em:

<<http://www.alab.org.br/pt/noticias/destaque/155-entrevista-com-kanavillil-rajagopalan-ponderacoes-sobre-linguistica-aplicada-politica-linguistica-e-ensino-aprendizagem>>. Acesso em: 12-01-2013.